

O FLUXO MENSTRUAL RELIDO A PARTIR DE SUA PERDA (1)

Marie-Christine Laznik

RESUMO

A menopausa, a perda do fluxo menstrual, desvela seu valor de garante da potência de dar à luz. A clínica mostra que, para algumas mulheres, as amenorréias menopáusicas revelam fantasias de gravidez, mesmo naquelas que pensavam não mais querer filhos. Em outras, a presença de sangramentos rítmicos, produzidos pelo THS (tratamento hormonal substitutivo), dá-lhes o sentimento de ser ainda mulheres e desejáveis. Portanto, as regras são também a garantia de uma identidade feminina nunca adquirida definitivamente. A autora retoma Freud, em seu debate com a escola inglesa, a propósito de uma identidade a construir e não adquirida, este feminino não se confundindo com o maternal.

PALAVRAS-CHAVE: fluxo menstrual – menopausa – identidade feminina – desejo de gravidez – fantasia incestuosa.

A menstruação e a menopausa são temas eludidos na literatura psicanalítica, chegando até a produzir recusa, afirma o psicanalista americano Owen Renik (1984, 1992). Poderia o estudo de seus pontos comuns esclarecer a razão disso?

O fluxo menstrual sempre inquietou diversas civilizações. O sangue menstrual possui poderes maléficos. Nas sociedades ditas primitivas, mas em muitas outras também, um homem, ao lado de uma mulher que tem suas regras, está em perigo. O Islã interdita às mulheres, durante a menstruação, a prática do culto e o acesso aos santuários. Este sangue deve ser evitado, lembra Michel Cros (1990), pois ele é capaz, pela encenação de procedimentos mágicos, de causar a morte. Mesmo na França do início do século XIX, são atribuídas ao sangue menstrual “diversas propriedades maléficas, tais como estragar a carne, azedar o leite ou os molhos, atrapalhar o amadurecimento dos melões, a fermentação do pão, avinagrar o vinho” (Poux, apud Epelboin, 1999). A mulher menstruada torna seu meio vulnerável, ela é uma ameaça potencial para o homem. As mulheres, vividas como perigosas durante suas regras, agem como se elas fossem agitadas por um grande temporal biológico. Corpo febril que faz Groddeck (1999) dizer: “a exaltação, o ardor lúbrico, o desejo sexual da mulher, durante estes dias de sangramento, ficam extremamente aumentados... que seja realmente assim está provado por um fato curioso: mais de três quartos das violações se situam durante estas épocas”.

É preciso eliminar este sangue perigoso. A sangria não tem outro objetivo. É necessário, preconiza o Levítico, obter uma purificação após a qual o homem poderá novamente se aproximar de uma mulher. A ginecologista S. Epelboin (1999) indica que na Índia as purificações periódicas são completadas por uma purificação global na menopausa.

Já que o sangue menstrual possui poderes maléficos, a menopausa é vivida, em inúmeras culturas, como o fim do processo de eliminação deste sangue demoníaco. Quando este não pode mais ser eliminado, a idéia de que uma mulher possa se tornar feiticeira não está longe.

No século XIX a idéia de cessação das regras era associada à noção de idade crítica, de declínio da vida. Foi em 1816 que Gardanne publicou a primeira obra inteiramente consagrada ao assunto, na qual propõe o termo menopausa, para nomear a cessação do fluxo menstrual.

O termo *menopausa* pode ser entendido, em ginecologia, num sentido restrito, como *a cessação definitiva do fluxo menstrual*. Ela é então descrita como o resultado

Marie Christine Laznik 17/5/07 12:24

Suprimir: (o que é por extenso?)

Marie Christine Laznik 17/5/07 12:24

Suprimir: o garante

Marie Christine Laznik 17/5/07 14:06

Suprimir: As regras

de mudanças nas relações extremamente complexas entre certos sinais químicos e diversos órgãos do corpo.

O relatório do primeiro congresso ginecológico mundial sobre a menopausa, que ocorreu em Montpellier, em 1976, propunha duas definições possíveis: a) *fase do processo de envelhecimento da mulher que marca a transição do estado reprodutivo ao estado não reprodutivo (climatério)*; b) *Último período menstrual (menopausa etimológica), que ocorre durante o climatério. Este instante, que surge após uma fase de irregularidades menstruais, só pode ser definido retrospectivamente, após um período de amenorréia de pelo menos 12 meses.*

Este termo climatério, que aliás é o termo utilizado por Freud, designa o período da vida de uma mulher no qual alterações somáticas e psíquicas se desenvolvem, coincidindo com a suspensão das regras. O climatério é, portanto, o período intermediário entre os anos em que uma mulher é fértil e aqueles em que ela não o será mais.

As regras não têm apenas uma conotação negativa. Elas também são a marca de uma identidade feminina. “Onde há mulheres, há regras”, escreve S. Epelboin (1999) “*Desde que a mulher existe, dentre todas as hemorragias, a da menstruação, que como o ciclo da lua retorna a intervalos regulares, é certamente a que tem a mais potente ressonância simbólica sobre o psiquismo*” (p. 71-84). Segundo ela, é este ciclo menstrual que – através dos séculos, das mitologias e das culturas – diferencia fundamentalmente uma mulher de um homem. Com efeito, constatamos, enquanto analistas, que as regras são a marca mais palpável de sua identidade feminina. Elas estão sempre ligadas às representações da feminilidade, da sexualidade e da fecundidade. O papel das regras como traço da identidade feminina não escapou aos publicitários. Para promover as proteções chamadas “Nana”, é um belo jovem que afirma: “*Quanto mais as mulheres são ‘nana’, mais eu as amo*” (Epelboin, 1999). Na ausência de um traço que garantiria a um sujeito sua identidade de mulher, as regras vêm desempenhar este papel de ponto de referência que falta a esta identidade. Mas, por que uma mulher dependeria de suas menstruações para garantir sua identidade feminina? Não haveria um outro traço ao qual ela pudesse se identificar enquanto mulher?

Em 1972, em seu seminário *Ainda*, consagrado em parte ao gozo feminino, Lacan propõe pensar dois lados, um masculino e um feminino, sobre os quais todo sujeito poderia vir se inscrever, independentemente de seu sexo biológico. Esta idéia de separar a biologia da identidade sexuada estava em voga na época. No mesmo momento, autores anglo-saxônicos elaboram o conceito de *gênero*, que atribui um lugar preponderante ao estudo dos aspectos sociais e culturais da construção das identidades sexuadas. Mas as pesquisas em torno do combate feminista pregam o esclarecimento dos sistemas de crenças cujo pivô seria a determinação biológica. Deste movimento essencialmente anglo-saxônico no início, as feministas francesas foram protegidas por Simone de Beauvoir que, em *O Segundo sexo*, mostra como *alguém não nasce mulher, mas se torna mulher*. Ela toma o partido de Freud contra a escola anglo-saxônica. Lembremo-nos que em seu último artigo sobre a feminilidade ele afirma: “*O papel da psicanálise não é pretender descrever o que é a mulher – tarefa da qual ela não poderia facilmente se incumbir -, mas examinar como ela se torna mulher, como a mulher se desenvolve a partir da criança com predisposição bissexual*” (Freud, 1932). Ele toma aí posição a favor do *made* contra o *born*, enquanto Jones, em seu naturalismo anglo-saxônico, defenderá a idéia que se *nasce* mulher.

Esta coincidência não é um acaso. Durante os anos em que trabalhava em *O Segundo Sexo*, Beauvoir participou do seminário de Lacan e se interessou por este debate entre Jones e Freud sobre a feminilidade. Ela teria até mesmo pedido ajuda a

Marie Christine Laznik 17/5/07 12:48

Commentaire [1]: Em francês, o termo nana significa moça bonita, poderíamos por exemplo traduzir por gata. “Quanto mais as mulheres são gatas mais eu gosto. O termo aimer também é gostar e não tem este comprometimento do amor em português.

Marie Christine Laznik 17/5/07 12:48

Supprimé: regras

Lacan para seu livro, mas na falta de terem podido encontrar um tempo para consagrar a este trabalho, isto não se deu.

No debate entre Jones e Freud, Lacan tomou o partido deste último. Para ele, assim como para Freud, a primazia do falo é comum aos meninos e às meninas. Ele definirá os dois lados em relação à função fálica. A partir de então, uma menina poderá herdar de sua mãe sua identidade maternal, mas não sua identidade de mulher. Enquanto sujeito, ela poderá se sentir assegurada por identificação a um traço paterno, assim como seu irmão, e esta identidade não sofre as intercorrências da idade, permanece adquirida como sua sombra colada ao pé, o que pode fazer dela um brilhante sujeito, criativo e admirável. Mas não garante sua feminilidade. Não podemos senão lamentar, pois se um traço de pertença pudesse garantir uma mulher em sua identidade feminina, seu desamparo seria menor, sobretudo nestes momentos de remanejamento como a menopausa, quando ela perde a pertença à classe das mães que lhe cabia por sua capacidade de procriar. A clínica da menopausa funciona como um prisma, difratando, em seus diversos componentes, a identidade de uma mulher.

A psicanalista Pascale Bellot-Fourcade (2004) ousou formular a menopausa em termos de *despersonalização*. Este termo me parece resumir perfeitamente este momento. Vejamos como. A menopausa, segundo a ginecologista Michelle Lachowsky (1999), é a “perda do ritmo que assinala a pertença ao gênero feminino, perda da fecundidade que assinala a pertença à linhagem das mães”. Ela acrescenta: a menopausa, de saída, deixa a mulher “sem documentos, sem este passaporte que era sua juventude, com estes corolários, beleza e esbelteza” (p. 81). Com a perda do ritmo das regras e da possibilidade de ser mãe, são seus documentos de identidade de mulher, e de mãe, que lhe são retirados. Trata-se aí, parece-me, do registro propriamente simbólico desta despersonalização.

Fenomenologicamente, a despersonalização começa com o não reconhecimento da imagem especular: é ao não se reencontrar no espelho que o sujeito começa a ser tomado pela vacilação despersonalizante. Aqui, não se trata de psicose, mas de uma psicopatologia da vida cotidiana, que toca inúmeras mulheres na meia idade. Mas é sob a pluma de Colette (1920), ao final de *Chéri*, que a despersonalização em uma mulher na meia idade encontra sua realização. Apór ter feito partir seu jovem amante, Lea faz um gesto diante de seu espelho: “Uma velha ofegante repetiu, no espelho oblongo, seu gesto, e Lea se perguntou o que ela podia ter em comum com esta louca”. Segundo Deutsch (1967), as mulheres que sabem se observar experimentam uma sorte de despersonalização diante de sua própria imagem no espelho, que se traduz por um “será que esta mulher é realmente eu?”.

Um exemplo da dimensão imaginária desta despersonalização é dado por Simone de Beauvoir: “Freqüentemente eu paro, ofuscada, diante desta coisa inacreditável que me serve de rosto... Nada mais vai bem. Detesto minha imagem, vejo minha antiga cabeça onde uma pústula se colocou e da qual não sararei jamais”. O que ela nomeia aqui de *ofuscada* parece-me bem mais forte do que o que perturba Freud na Acrópole. É pior do que ver surgir do lago Loch Ness “o corpo do monstro do qual se falou tanto” (Freud, 1936, trad. franc 1995, p. 331), pois aqui o objeto visto é o próprio sujeito.

Um dia, Sartre – fazendo alusão ao início do *Cavalo ruivo*, no qual a narradora está tão atrozmente desfigurada por uma deflagração atômica que ela dissimula seus traços sob uma meia – tinha perguntado a Elsa Triolet como ela tivera a coragem de imaginar-se com um rosto de terror. “*Eu apenas tive que me olhar num espelho*”, respondera ela. No momento, Simone de Beauvoir se tinha dito que ela se enganava, que uma velha mulher não é uma mulher feia. Mais tarde, repensando neste história, ela

Marie Christine Laznik 17/5/07 12:55

Supprimé: ser

Marie Christine Laznik 17/5/07 13:00

Supprimé: ANO

Marie Christine Laznik 17/5/07 13:05

Supprimé: ANO DA TRADUÇÃO FRANCESA

Marie Christine Laznik 17/5/07 13:21

Supprimé: Mas eu não tive senão

tem estas palavras: “Aos olhos dos outros, que seja; mas para si mesmo, passado um certo limiar, o espelho reflete uma mulher desfigurada. Agora eu a compreendia” (Beauvoir, 1963).

Se um traço – que teria garantido uma mulher de sua feminilidade – existisse, ele teria podido também, diz Charles Melman (1986), “assegurar a coesão de uma imagem de si facilmente inquieta e exposta a extravagantes sensações dismórficas” (...). Não se trata de psicose, mas de uma psicopatologia da vida cotidiana, comum nas mulheres na meia idade. Contudo, na França, as autobiografias de Beauvoir são *best-sellers*. Enquanto escritora, ela é certamente uma das mulheres mais célebres no mundo.

Vemos aqui explicitada a divisão em uma mulher entre seu ser de sujeito – que pode na meia idade conhecer uma grande potência fálica – e sua feminilidade, sua capacidade de sedução na relação com o Outro, do outro sexo. A escritora Beauvoir vai muito bem; é a mulher nela que sofre.

Por ocasião de minha tese de doutorado, fui escutar mulheres que se consultavam com a Dra. Marianne Buhler (3) sobre a menopausa. Recebíamos as pacientes juntas e, ao final da consulta ginecológica, eu propunha para algumas escutá-las sobre sua crise de meia idade.

Mathilde ou a fantasia de ter regras

Vestida com um soberbo casaco de vison e portando um chapéu muito bonito, Mathilde é uma mulher elegante, que acaba de completar 54 anos. Para a ginecologista, ela conta todas as suas iniciativas para conservar sua imagem e se diz encantada com esta médica que lhe deu uma “pílula” graças à qual ela se sentiu como uma jovem, “*há alguns anos, certamente!*”, acrescenta ela, rindo. Como este tratamento lhe tinha provocado novamente sangramentos, ela afirma: “*não estou na menopausa, tenho minhas menstruações!*”. Após sua partida, minha colega ginecologista comenta que ela lhe disse certamente que ela estava na menopausa, mas Mathilde nada quis ouvir.

Desde o início de sua consulta comigo, ela declara, teatral mas jovial: “*A Sra. quer saber como vivi meus cinquenta anos? Muito mal, como todo mundo; como todas as mulheres na mesma posição. Além disso, tinham me retirado um ovário e uma trompa. Eu tive a impressão de ter perdido minha feminilidade. Quanto soube que não tinha mais nem o ovário nem a trompa, foi um choque emocional. Chorei... telefonei para meu namorado e lhe disse: ‘será que você pode fazer amor comigo para saber se eu continuo sendo uma mulher?’ Ele riu. Mas era sério*”. “*Depois disso, não tive mais minhas menstruações durante 6 meses. Foi a Dra. M.B. que consegui devolver-las para mim. Graças a ela, eu me senti “mulher”, graças às menstruações. Quando se é jovem, a gente diz: vivamente, que eu não as tenha mais! Quando se envelhece, aos 54 anos, fico feliz por tê-las. Diante de meu namorado, que tem 50, eu digo: Tenho minhas coisinhas!*” E rindo ela diz: - “*Para mim, as mulheres na menopausa são aquelas que não têm mais menstruação*”. Como eu a fiz notar que mesmo mulheres bastante idosas podem, sob tratamento, conservar estes sangramentos, ela sallienta: - “*Em todo caso, sente-se menos a menopausa. Não me sinto como minhas amigas de 54 anos. Apesar de tudo, talvez esteja na menopausa? Vou precisar perguntar à Dra. B. Mas eu me sinto tão jovem graças à dra. B! Minhas amigas que não têm menstruação estão muito mal. Anne, por exemplo, vai muito mal. Ela não pode fazer tratamento porque tem um problema no coração. Ela engordou muito, usa 50 em lugar do 44. Como seu namorado a traiu, deixou-a por uma mais jovem, ela se abandonou. Ela me diz: “Como você quer que, na minha idade, eu encontre alguém?” Ela tem um pouquinho de razão: 54 anos, logo 60!” É exatamente a idade de Mathilde, mas ela continua tendo sua menstruação.*

Marie Christine Laznik 17/5/07 13:23
Supprimé: uma

Marie Christine Laznik 17/5/07 13:23
Supprimé: descreveu

Marie Christine Laznik 17/5/07 13:24
Supprimé: regras

Marie Christine Laznik 17/5/07 13:25
Supprimé: regras

Marie Christine Laznik 17/5/07 13:26
Supprimé: regras

Marie Christine Laznik 17/5/07 13:27
Supprimé: meus

Marie Christine Laznik 17/5/07 13:26
Supprimé: **raignagnans**

Marie Christine Laznik 17/5/07 13:27
Supprimé: regras

Marie Christine Laznik 17/5/07 13:28
Supprimé: precisa

Marie Christine Laznik 17/5/07 13:28
Supprimé: *estou talvez*

Marie Christine Laznik 17/5/07 13:28
Supprimé: regras

Marie Christine Laznik 17/5/07 13:29
Supprimé: vão

Marie Christine Laznik 17/5/07 13:29
Supprimé: suas regras

Para algumas mulheres, a visão do sangue, que lembra a menstruação, parece permanecer como uma garantia de sua feminilidade e de seu direito ao desejo. Observei que os sangramentos de privação devidos a um tratamento hormonal seqüencial, são freqüentemente chamados de “menstruação”, não apenas pelas pacientes, mas também pelo ginecologista.

Segundo Sylvain Mimoun (1998), é provável que até mesmo “os homens percebam o tratamento “com menstruação” como uma vantagem, pois esta é, para eles, parte constitutiva da feminilidade e da fecundidade”. Na opinião masculina, o prosseguimento das regras pelo THS melhora a qualidade de vida de uma mulher que reencontraria assim uma pseudo fecundidade reaseguradora, ligada ao reaparecimento do fluxo menstrual. Esta opinião, continua Mimoun, é compartilhada por inúmeras mulheres que dizem: “Quero ter minha menstruação para continuar mulher”. E às vezes a interrogam: “O tratamento que faço é contraceptivo?” Algumas afirmam: “Não tive menopausa porque fiz um tratamento hormonal para escapar dela”. Aliás, ouvi esta frase da boca de uma psicanalista conhecida e que tinha ultrapassado, há muito tempo, a idade da menopausa. A luta contra o desamparo é bem humana e a recusa, uma defesa freqüente.

A psicanalista inglesa Dinora Pines (1993), em um capítulo consagrado à menopausa, lembra que, neste momento da vida, é preciso enfrentar a perda inevitável da juventude e da fertilidade. Para Pines, mesmo se este período é associado ao fim da reprodução, algumas mulheres que continuam a “menstruar” após sua menopausa, acolhem seu sangramento como o sinal de que elas são ainda jovens e desejáveis. A autora chama “menstruar” o sangramento por privação hormonal que ocorre sob THS. Segundo ela, é preciso distinguir o desejo de estar grávida do desejo de ter um filho. Mesmo que uma mulher tenha tomado, há já um certo tempo, a decisão consciente de não ter mais filhos, a experiência clínica mostra que, em sua cabeça, há sempre a possibilidade de um novo bebê, até que a menopausa destrua esta fantasia de esperança e seu sentimento de juventude eterna. Para muitas mulheres, que tiveram prazer em conceber e ser mães, é, diz ela, um dos mais duros momentos a enfrentar. A menstruação aparece, então pelo que ela é: uma marca de identidade feminina e uma garantia de potência maternal.

S. Epelboin (1999) observou em sua prática de ginecologista que as amenorréias pré-menopáusicas ou menopáusicas podem às vezes revelar fantasias de gravidez. É o segundo diagnóstico de amenorréia na mulher da faixa dos cinquenta anos. Ela cita o exemplo da Sra. M., 53 anos, que consulta em urgência para um pedido de Interrupção Voluntária de Gravidez (IVG). Esta mulher divorciada, com relações amorosas episódicas, apresenta há alguns meses ciclos alongados, irregulares. Tendo tido relações com seu namorado algumas semanas antes, ela se inquieta com a ausência de regras, tanto mais que um teste de farmácia se teria revelado positivo. Na consulta, ela insiste longamente sobre a impossibilidade de prosseguir sua gravidez (sua filha tem 18 anos, seu companheiro não é fixo), mas também sobre a dificuldade deste procedimento de IVG. O que espanta a ginecologista é que, paradoxalmente, ela reage muito mal quando, após um exame clínico que não encontra um útero grande, ela lhe pede -, tendo em vista antecedentes de gravidez extra-uterina -, uma dosagem quantitativa em laboratório e uma ecografia: “Embora com muitas reticências, a Sra. M. faz estes dois exames que constata uma ausência de qualquer gravidez, o que ela contesta muito violentamente antes de admiti-lo. A Sra. M. voltará para casa muito deprimida, sem intervenção cirúrgica, exprimindo sua frustração e o sentimento de ter sido enganada, como se os exames lhe tivessem muito violentamente interrompido sua gravidez imaginária, da

Marie Christine Laznik 17/5/07 13:30
Supprimé: as regras

Marie Christine Laznik 17/5/07 13:30
Supprimé: a

Marie Christine Laznik 17/5/07 13:30
Supprimé: regras

Marie Christine Laznik 17/5/07 13:31
Supprimé: regras

Marie Christine Laznik 17/5/07 13:31
Supprimé: estas são

Marie Christine Laznik 17/5/07 13:32
Supprimé: minhas regras

Marie Christine Laznik 17/5/07 13:33
Supprimé: mesmo

Marie Christine Laznik 17/5/07 13:34
Supprimé: ter

Marie Christine Laznik 17/5/07 13:33
Supprimé: regras

Marie Christine Laznik 17/5/07 13:34
Supprimé: regras

Marie Christine Laznik 17/5/07 13:34
Supprimé: a

Marie Christine Laznik 17/5/07 13:35
Supprimé: destrói

Marie Christine Laznik 17/5/07 13:35
Supprimé: As regras

Marie Christine Laznik 17/5/07 13:35
Supprimé: m

Marie Christine Laznik 17/5/07 13:35
Supprimé: s

Marie Christine Laznik 17/5/07 13:36
Supprimé: são

| *qual ela tinha quase conseguido se convencer, e a convencer a todos”* . Epelboin conclui que ser capaz de fazer um filho anula o tempo, mesmo se a gravidez é recusada no plano consciente. A ginecologista Michelle Lachowsky (1992) resume assim esta ambivalência da mulher da faixa dos cinquenta anos: “*Não mais querer não quer dizer não mais poder*”.

Blanche-Marie, ou aquela que sangrava ao invés de chorar

Blanche-Marie vem da Ilha Maurício, é uma mulher que deve ter sido muito bela e por quem o marido francês parece ainda muito apaixonado. Ele a acompanha à consulta de ginecologia e faz questão absoluta de entrar no consultório, o que não é absolutamente habitual. De saída, Blanche-Marie lança: “*Dra., a Sra. é minha última esperança!*” Ela diz sangrar abundantemente e relata uma série de tratamentos que fracassaram. Este sangramento é colocado em primeiro plano: ela mostra uma agenda onde estão registrados os dias, bem como a intensidade dos sangramentos. Parece que este sangue invadiu tudo em sua vida e acabou, com sua vida sexual. Como a médica a faz falar, deduz-se que estes sangramentos se intensificaram de modo dramático desde fevereiro. É apenas incidentalmente que ela acaba contando que sua filha mais velha teve, três meses antes, um acidente grave na Ilha Maurício do qual conserva importantes seqüelas, apesar dos cuidados que pôde receber na França. Aparece também que em fevereiro – portanto, justamente antes da intensificação de seus sangramentos – Blanche-Marie soube que sua filha caçula era portadora de uma neurofibromatose assintomática (doença de Recklinghausen), doença genética que sua mãe (de Blanche Marie) lhe havia transmitido. Nem uma nem outra sofrem de sintomas, mas uma nuvem preta pesa sobre suas cabeças. A Dra. B. compadece-se diante desta série bastante terrível e comenta, muito mais para si mesma: - “*No fundo, a Sra. sangra no lugar de chorar*”.

Estas palavras terão, ao que parece, uma importância capital. É possível que elas tenham permitido que o tratamento hormonal proposto fosse de saída eficaz quanto ao sintoma. Ela retornará “encantada” à consulta seguinte. Sua hemorragia cessou, suas regras estavam completamente normais. Tudo se passa bem, dirá ela.

Blanche-Marie conta então ter comprado o livro da Dra. B.: “*Graças ao que li em seu livro, irei sozinho à Tunísia para fazer hidroterapia!*”

Podemos pensar que o que foi dito na primeira consulta permitiu uma transferência muito positiva de Blanche-Marie com sua ginecologista e seu livro. Ela deve ter lido ali que a peri-menopausa era um momento importante, no qual era necessário ocupar-se melhor de si e tomar decisões para o futuro. Além disso, ela anuncia com um tom cerimonial: “*Doutora, temos um ano para fazer uma dosagem hormonal. Então, meu marido se aposentará e nós partiremos para a Ilha Maurício!*” Ela lhe pedirá uma dedicatória para seu livro. Blanche-Marie parte, beijando-nos e agradecendo-nos efusivamente.

Na entrevista que lhe propus, ela vem ainda com seu marido e me pergunta se ele pode participar, mas pouco tempo depois, exclama: - “*Que eu possa respirar sem ele! Fui duas semanas na hidroterapia sozinho. Se a Sra. for a Sous na Tunísia, vou falar da Sra. para a médica. Ela devia ouvir o que eu não dizia; ela foi de uma gentileza! Ela me fez um programa de uma semana sobre quinze dias, muito generosa. Nasci numa ilha – tenho necessidade desta água do mar para me refazer. (Entusiasta): O tratamento hormonal, tenho certeza de que ele age sobre o moral (estranho lapso, já que o que ela quer dizer é que está indo melhor desde que o toma). No limite, eu teria me deixado levar. Eu me arrastava de chambre, aos 46 anos”*.

Marie Christine Laznik 17/5/07 13:37

Suprimé: depois

Marie Christine Laznik 17/5/07 13:38

Suprimé: tira

Marie Christine Laznik 17/5/07 13:39

Suprimé: são

Marie Christine Laznik 17/5/07 13:39

Suprimé: invadira

Marie Christine Laznik 17/5/07 13:41

Suprimé: levará

Marie Christine Laznik 17/5/07 13:41

Suprimé: embora

Marie Christine Laznik 17/5/07 13:41

Suprimé: realmente,

Marie Christine Laznik 17/5/07 13:42

Suprimé: e conservou

Marie Christine Laznik 17/5/07 13:45

Suprimé: bem

Marie Christine Laznik 17/5/07 13:45

Suprimé: Thalasso!”. (

Marie Christine Laznik 17/5/07 13:45

Suprimé: ?)

Marie Christine Laznik 17/5/07 13:47

Suprimé: thalasso

Se decifrássemos este parágrafo, entenderíamos que graças à leitura do livro de sua ginecologista, Blanche-Marie se permitiu ir sozinha à hidroterapia, tomar uma certa distância em relação ao marido e sair de uma depressão, na qual ela não tinha nem o ânimo de se vestir. Ela não fala de sua ginecologista, mas desloca seu amor de transferência sobre a médica que a atendeu na cidade de praia. “*Ela devia ouvir o que eu não lhe dizia*”, pode também se aplicar ao sofrimento que sua ginecologista ouviu, mais além do sangramento.

Na seqüência, apresentarei duas vinhetas de casos de analisantes minhas.

Rosa ou a sublimação do desejo de filho

Rosa, 47 anos, responsável de coleção em uma editora, acabava justamente de retomar uma análise quando este tipo de questão se colocou para ela. Durante uma sessão, Rosa aborda o assunto da idade. Seu marido foi jantar na cidade sem lhe dizer; ela tinha justamente preparado uma refeição-surpresa, o que raramente fazia. Ela associa com o fato de que ela foi ver sua ginecologista devido à ausência de sua menstruação.

As suas questões sobre a menopausa, a ginecologista se contentara em responder: “*Veremos após sua dosagem*”. Rosa: - “*Eu queria que ela me dissesse: ‘a Sra. entrou na menopausa’; ela não me disse isso. Eu me dizia que tudo isso, talvez seja uma questão de hormônios: esta vontade de chorar ao mesmo tempo em que ficava com raiva, esta vontade de não fazer nada*”. Quando ela tinha perguntado à ginecologista com que idade entraria na menopausa, esta lhe teria respondido que era em função de sua mãe.

Rosa: - “*Sai da ginecologista com uma mistura de tristeza e de raiva. Pensei: - Minha mãe, ela mentiu. Ela deve ter se confundido entre 48 e 55 anos.*”

Sua mãe, aos quarenta anos, tinha fortes ataques de raiva. Como para dizer que era preciso deixar passar ou não ligar, seu pai comentava: “*isso é a menopausa*”.

Até quando é tão difícil ser uma mulher? Pergunta-se Rosa. Ela se lembra de ter tido suas regras aos onze anos, duravam uma eternidade, uma semana. Ela as tinha tido no dia de Natal: “*havia uma festa na minha casa. Tinham me colocado um vestido branco, que ficou todo manchado porque eu sangrava muito*”.

Rosa se pôs a registrar em sua agenda as datas dos sangramentos: ela os tinha tido duas vezes em julho, em agosto não os teve e, em setembro, durou 15 dias. Desde então, mais nada. E, de novo, ei-los. Em seguida, desapareceram.

Alguns meses mais tarde, o assunto da menopausa retorna na análise. Naquela manhã, não vindo suas regras, ela fez um teste de gravidez. Rosa: - “*Não estou grávida, eu temia isso*”. Ela conta então que dois dias antes tivera o seguinte sonho: “*Eu dizia para meu marido que eu estava grávida. Para minha grande surpresa, ele me respondia: vamos tê-lo*”. A fadiga que ela sente há algum tempo deve estar ligada com isto, ela pensa – “*é a segunda vez que me acontece que a menstruação falhe; deve-se ter os mesmos sintomas que quando se está grávida: sono, fadiga. Quanto tive minha menstruação, aos onze anos, eu tinha os mesmos sintomas. Quando minha menstruação falhou a primeira vez, fiquei confusa. Desta vez, fiz o teste de gravidez, senão vou pensar: poderia ainda me acontecer de ficar grávida*”. Rosa pensa novamente no sonho: “*Era surpreendente o anúncio que eu fazia ao meu marido e a resposta que ele me dava. Na segunda vez que minha menstruação parou, eu me disse: não é a primeira vez. Há alguns meses, quis tomar hormônios, mas minha menstruação voltou. No mês passado, esperei, sei que nunca é pontual na regularidade. Esperei, esperei, esperei. Depois, um sinal veio do corpo, fiquei com os seios inchados. No início, não estava*

Marie Christine Laznik 17/5/07 13:48

Suprimé: thalasso

Marie Christine Laznik 17/5/07 13:50

Suprimé: suas regras

Marie Christine Laznik 17/5/07 13:50

Suprimé: t

Marie Christine Laznik 17/5/07 13:52

Suprimé: de ter regras que falham

Marie Christine Laznik 17/5/07 13:52

Suprimé: s

Marie Christine Laznik 17/5/07 13:52

Suprimé: regras

Marie Christine Laznik 17/5/07 13:53

Suprimé: s

Marie Christine Laznik 17/5/07 13:53

Suprimé: regras

Marie Christine Laznik 17/5/07 13:53

Suprimé: falharam

Marie Christine Laznik 17/5/07 13:53

Suprimé: minhas regras pararam

Marie Christine Laznik 17/5/07 13:54

Suprimé: minhas regras voltaram

Marie Christine Laznik 17/5/07 13:54

Suprimé: não é jamais

preocupada em estar grávida. Mas ao cabo de duas semanas com os seios inchados, achei que havia alguma coisa: as glândulas mamárias me faziam pensar na maternidade. Como se meu corpo me pregasse uma peça!” Durante suas primeiras relações sexuais, ela sempre se perguntava: “Será que vou ficar grávida?” Mesmo depois, com a pílula, a questão retornava assim mesmo. Há alguns dias, ela falava em comprar um teste de gravidez. Nesta manhã, ela o fez, mas sentiu a necessidade de escondê-lo sob suas roupas: - “como se eu tivesse algo a esconder das minhas filhas. Tranquei-me no banheiro. Era preciso esperar 4 minutos antes da leitura; voltei a dormir. Eu me dizia: Vou ver? Não vou ver? Quando li a notícia, pensei ter visto aparecer os dois pontos rosas, o que quer dizer que se está grávida. Uma alucinação?” Ela acabou se forçando a olhar melhor, constatando: “Ao mesmo tempo que eu não queria saber, e ao mesmo tempo era um alívio, os dois”.

Já mãe de duas adolescentes, ela se defende, evidentemente, de querer ainda um bebê: - “Não; não, teria sido terrível!”. Ela se diz que vai reencontrar sua energia ocupando-se de sua nova coleção: livros para bebês, justamente.

Segundo a ginecologista Michele Lachowsky, são inúmeras as mulheres que têm medo destes atrasos de regras que, há pouco, significavam um risco de filho e hoje assinalam um risco bem diferente, o de nunca mais tê-los. Uma de suas pacientes – uma mulher de 49 anos de aparência ainda jovem – quer se persuadir de que está grávida porque não teve menstruação e se mostra muito magoada ao saber que isto não lhe era mais possível. Lachowsky (1992) comenta: “Ela parecia querer que se atribuísse o mesmo crédito aos seus ovários, ou pelo menos que se tivesse a elegância de fazer um pouco de conta. Como dizem as crianças: “A gente brinca que eu posso ainda”. As mulheres se revoltam muito mais freqüentemente do que se pensa, acrescenta ela. “Para vocês ginecologistas, a causa é entendida, eu não tenho mais razão de me colocar problema, não posso mais ficar grávida, não há mais risco de gravidez. E se eu preferisse isto ao risco da menopausa? Deixem-me sonhar ainda um pouquinho!”.

Dirigindo-se aos seus colegas ginecologistas, ela previne: “O temor da gravidez não é mais o de antes dos quarenta anos, de modo algum. Ele é um escudo contra o avanço da idade, o grão de areia no relógio biológico, tem valor de exorcismo”.

Ingrid ou o medo do incesto

Ingrid também vai viver a instalação de sua menopausa durante sua análise. A menopausa é apenas um dos inúmeros fios da tessitura de sua história psíquica, fio que vamos seguir, transcrevendo alguns fragmentos das sessões que giraram em torno desta questão, entre a descoberta de sua peri-menopausa e a instalação definitiva de sua menopausa.

Ingrid é uma loura bela e alta de 44 anos. Mais velho do que ela, seu marido a ama e valoriza a vida erótica do casal. Ela chega à consulta me explicando que ele se queixa da onda de desinteresse de sua mulher pela sexualidade. O início deste desinteresse tinha coincidido com a puberdade de seu filho mais velho, jovem alto que ela descreve com uma abundante cabeleira em torno da cabeça. Desde a primeira sessão, ela diz ter a impressão de vigiá-lo demais; ela gostaria de ficar menos atrás dele. A análise de um sonho pôde lhe permitir avaliar sua fantasia incestuosa inconsciente com este filho, o que a deixara mais livre em sua relação com ele. Durante alguns tempos, ela retomara uma vida sexual mais plena com seu marido.

Ela estava há dois anos em análise quando sua ginecologista lhe solicita uma dosagem hormonal na seqüência de uma interrupção da menstruação. A dosagem indica que a menopausa está se instalando. Ingrid associa imediatamente com o

Marie Christine Laznik 17/5/07 13:56

Supprimé: suas regras

Marie Christine Laznik 17/5/07 13:58

Supprimé: de regras

envelhecimento. Mesmo se ela retoma aí um tema frequentemente abordado a propósito da menopausa, parece-nos que ela fala disso melhor que os especialistas.

Ingrid: “Não tenho mais meu ciclo, mas sou jovem demais para estar na menopausa. Tenho 45 anos, não sou mais tão jovem (sua mãe entrou na menopausa aos 42 anos). Quando comecei a não ter meu ciclo, disse-me que havia uma relação com o trabalho que eu fazia aqui. Eu me questionava sobre encontrar um trabalho, ou retomar meus estudos. Durante dez anos em casa, isso não me havia passado pela cabeça. A partir do momento em que eu começo a me questionar, então, puf! Não tenho mais ciclo. Digo para mim mesma que não vou poder ter tudo: ser uma mulher, ter filhos e fazer coisas que me interessam. São coisas incompatíveis. Se me torno uma jornalista, então, apago todo o mundo: meu marido, meus filhos”.

Ingrid prossegue: - “Em relação à menstruação, eu me disse também: meu marido é mais velho do que eu, ele está ficando velho; se não tenho mais minha menstruação, então sou velha como ele. Vejo mulheres mais velhas do que eu, velhas, feias, e – porque elas têm seu ciclo, sua menstruação – eu as invejo. Se a gente tem a menstruação, pode ter filhos; é um poder muito forte. Poder ter filhos, no momento em que se decide: Quero ter um bebê? Então posso! Todos os meses. O ciclo é a possibilidade, todos os meses, de ter um bebê, porque associo isto a ser mulher”.

Ingrid resume aqui várias questões muito importantes. Mesmo que ela não tenha lido Helene Deutsch, Ingrid ilustra bem o que esta última disse a propósito do valor da menstruação para uma mulher de meia idade: ela é a prova renovada do poder de engendrar de uma mulher. A ginecologista Michele Laschowsky distingue o poder parir do querer parir.

Uma de suas pacientes, mulher bonita, inquieta-se de saber se ela poderia ainda ficar grávida. Lachowsky (1992) lhe pergunta: - “Mas, diga-me, a Sra. tem quarenta e três anos, a Sra. deseja uma gravidez atualmente?” Ao que sua paciente lhe responde: “Nunca disse que eu queria um filho. Contudo, eu gostaria realmente de saber se eu posso ainda ter filhos!”.

Como havia vários meses que Ingrid não tinha mais menstruação e suas dosagens hormonais indicavam que ela estava na menopausa, o médico lhe prescreveu um THS. Os sangramentos devidos ao tratamento acalmam-na um pouco. Embora seja um modo de blefar, ela se diz que tem suas regras. Se, como a psicanálise nos ensina, não há nenhum traço específico que possa assegurar uma mulher de sua identidade, a menstruação sendo um sinal perceptível da diferença sexual, ela podem servir de base para uma identidade feminina sempre em busca de um traço que poderia especificá-la.

Um romance de Thomas Mann

Em *A miragem* (1953), o romancista se consagra a estudar, em uma mulher, as fantasias concernentes à menstruação no momento da instalação da menopausa e sua relação com as fantasias amorosas.

A história inicia quando a heroína vai completar cinquenta anos. Rosalie é viúva há dez anos e vive tranquilamente de suas rendas, cercada de seus filhos: uma filha de vinte e nove anos e um filho de dezesseis. Sua filha tem um pé manco, o que faz dela uma enferma celibatária e extremamente orgulhosa, o que não parece incomodar sua mãe, que a conserva em sua companhia. Rosalie tem uma silhueta bem conservada e uma abundante cabeleira ondulada, já fortemente matizada de cinza, mas, graças a um par de olhos vivos e magníficos, ela continua oferecendo uma aparência juvenil.

Desde o início do romance, fala-se da menopausa que se instala e de sua série de perturbações.

Marie Christine Laznik 17/5/07 14:00

Supprimé: às regras

Marie Christine Laznik 17/5/07 14:00

Supprimé: s

Marie Christine Laznik 17/5/07 14:01

Supprimé: regras

Marie Christine Laznik 17/5/07 14:01

Supprimé: suas regras

Marie Christine Laznik 17/5/07 14:01

Supprimé: s

Marie Christine Laznik 17/5/07 14:02

Supprimé: regras

Marie Christine Laznik 17/5/07 14:02

Supprimé: eu

Marie Christine Laznik 17/5/07 14:02

Supprimé: uma

Marie Christine Laznik 17/5/07 14:02

Supprimé: das regras

Marie Christine Laznik 17/5/07 14:03

Supprimé: elas são

Marie Christine Laznik 17/5/07 14:03

Supprimé: suas regras

Marie Christine Laznik 17/5/07 14:04

Supprimé: as regras

Marie Christine Laznik 17/5/07 14:04

Supprimé: s

Marie Christine Laznik 17/5/07 14:05

Supprimé: às regras

Thomas Mann nos oferece longas descrições da menstruação feminina e de sua dor. Como Anna tem a sua e dela se queixa, sua mãe faz-lhe o elogio de tal sofrimento, glorioso para uma mulher e do qual ela lamenta não mais padecer. Há dois meses que ela não tem mais menstruação que, para ela, têm o valor de um “*ato vital feminino. Sempre, pelo tempo em que permanecemos mulheres, não tendo mais filhos e ainda não envelhecidas e impotentes, sempre, de novo, o órgão de nossa maternidade conhece uma recrudescência abundante de sua vida sanguínea...*”.

Quando não se tem mais menstruação, acrescenta ela, isso significa “*que cessamos de ser uma mulher e nada mais somos senão seu envelope seco, usado, inutilizável, excluído da natureza. Minha cara filha, é muito amargo*”.

Ela se queixa de que, à diferença das mulheres, os homens podem continuar a ser homens por toda a vida. “*De resto, o que são cinqüenta anos para um homem? Por pouco que ele tenha temperamento, sua idade não o impede de despedaçar corações e de modo tal que as têmporas grisalhas fazem sucesso junto às juvenzinhas. Mas para nós, mulheres, trinta e cinco anos em tudo e por tudo nos são designados para a vida de nosso sangue e de nossa feminilidade para permitir que nos tornemos um ser completo; e aos cinqüenta anos estamos desgastadas, nossa capacidade de procriar se apaga e diante da Natureza não somos mais do que ruínas*”.

Mais adiante, ela confessa ainda a sua filha que “*já é muito difícil apenas para o corpo acostumar-se a um novo estado, isso acarreta em si e por si muitos tormentos. E se, além disso, a gente se acha dotada de uma sensibilidade que não quer ainda ouvir falar de dignidade nem do respeitável estado de matrona e se rebela contra a secura do corpo, é certamente duro. A adaptação da alma à nova constituição fisiológica, eis o mais difícil*”.

É neste momento que aparece na história um novo personagem. Trata-se de um jovem americano de vinte e quatro anos que ficou na Europa após a guerra; o romance se passa no início dos anos vinte. Ele dá cursos de inglês nas boas famílias da cidade. Ele virá ensinar inglês ao filho e logo se tornará um *habitué* da casa.

Pouco a pouco, Rosalie vai se apaixonar por deste jovem e Mann vai descrever as metamorfoses físicas nesta mulher no declínio da idade. Ela mesma se dá conta subitamente disso: “*Grandes deuses, mas é que eu o amo, eu o amo como nunca amei! Será concebível? Pois enfim, estou aposentada, a natureza me fez passar ao estado tranqüilo e respeitável de matrona*”. Ela se pergunta se não está se tornando uma velha impudica.

O que interessa Mann são os efeitos do desejo amoroso sobre uma mulher de idade madura. Ela faz Rosalie dizer: “*a natureza pode provocar uma maravilhosa eclosão da alma, mesmo quando já é tarde, até mesmo tarde demais – faze-la desabrochar no amor, no desejo e no ciúme, como eu o aprendo em um inefável tormento*”. Ela vai adorar o milagre da natureza, “*a dolorosa e vergonhosa primavera de minha idade e de meus sentidos*”, como ela a chama.

Mann diz que Rosalie exercia sobre o jovem americano, Ken, uma real atração: a feminilidade impetuosa desta mãe de família lhe era simpática, ele se sentia à vontade no calor que emanava dela em sua direção. O autor observa que uma mulher desta idade pode ser bela: “*sua aparência nessa época conheceu um novo desabrochar, ela remoçou e isso lhe valia cumprimentos*”. Embora sua silhueta sempre tivesse se mantido jovem, ficava-se impressionado principalmente pelo brilho de seus olhos, a animação de sua tez, a mobilidade de seu rosto. Nas *soirées*, acontecia que uma mulher lhe dissesse: “*Minha querida, você é surpreendente! Como está encantadora, esta noite! Você eclipsa as jovens de vinte anos. Diga-me, qual fonte da Juventude você descobriu?*”. Era o desfraldar das velas, a inundação da imensa doçura que ela

Marie Christine Laznik 17/5/07 14:31

Suprimir: das regras

Marie Christine Laznik 17/5/07 14:32

Suprimir: s

Marie Christine Laznik 17/5/07 14:32

Suprimir: s

Marie Christine Laznik 17/5/07 14:32

Suprimir: s

Marie Christine Laznik 17/5/07 14:32

Suprimir: s

Marie Christine Laznik 17/5/07 14:34

Suprimir: estas regras

Marie Christine Laznik 17/5/07 14:34

Suprimir: as regras

Marie Christine Laznik 17/5/07 14:36

Suprimir: não somos mais do que

experimentava ao pensar em seu amado, que os olhos dos outros observavam quando eles a achavam jovem e encantadora.

Ela se abre sobre o assunto com sua filha: “*Que dirias, Anna, se tua mãe em seus velhos dias estivesse tomada por um sentimento ardente, daqueles que são reservados à potente juventude, à maturidade e não a uma feminilidade sem viço?*” E ela precisa: “*Sim, eu amo, amo com ardor e desejo e êxtase e dolorosamente como tu amaste em tua juventude. (...) tenho orgulho da primavera da alma cuja natureza me gratifica de modo tão pródigo, mas mesmo assim sofro...*”.

Naturalmente, sua filha tomada como confidente não compreende, não quer compreender. Segundo ela, sua mãe “*como todas as mulheres uma vez na vida, atravessava um período difícil cujos efeitos repercutiam desagradavelmente sobre sua saúde*”.

Mann insiste no fato de que esta mulher não recalca sua paixão, não a vive como vergonhosa, ela se orgulha dela. “*Sou bem aventurada até em minha tortura e minha vergonha, e orgulhosa da primavera dolorosa de minha alma...*”. Eis aqui o que não foi previsto nos escritos de Freud. Mesmo a filha é obrigada a reconhecer a metamorfose de sua mãe: “*Entendo que uma sorte de rejuvenescimento se operou em ti (...) acreditava ver de uma maneira um pouco fantasmagórica surgir de repente da querida silhueta de matrona, a mamãe de vinte anos atrás, tal como a conheci quando eu era uma menina sim, melhor ainda... como eu nunca tinha te visto, isto é, como tu devias ser quando tu eras tu mesmo uma juvenzinha*”. Mas, era preciso contar com isso, uma tal transformação não tranqüiliza a filha.

A resposta que a mãe dá à filha, a propósito de sua metamorfose, é impressionante, audaciosa em sua formulação: “*Era obra da juventude dele. Era a luta de minha alma para igualar a juventude dele e não ter que me consumir diante dela na vergonha e na humilhação*”. Não é habitual encontrar isto escrito. Entretanto, é de constatação freqüente que um homem de cinquenta anos, que se casa com uma mulher mais jovem, recupere certa juventude; o conto Riquet, **do topete** (4) nos ensina que estas metamorfoses são pensáveis. Mas aqui, trata-se de uma mulher com um homem mais jovem e isto é marcado pela interdição de pensar.

Como a filha gostaria de reencontrar sua boa velha mãe, ela a intima a abandonar esta história. A mãe se insurge contra a filha, que quer fazê-la abafar a dolorosa primavera que a natureza concedeu a sua alma. Eis como a escolha de um homem mais jovem por uma mulher de idade madura é defendida por Rosalie: ela evoca Sarah, que riu não por causa de sua idade, como está dito na Bíblia, mas da idéia de conhecer a volúpia junto de seu senhor Abraão, já tão velho. Enquanto que o senhor dela, Rosalie, é jovem; é por isso que a volúpia está em seu sangue, em seu desejo. Sua filha a faz observar que Ken tem a idade de um filho e que ela faria melhor se lhe dirigisse um amor maternal.

Helene Deutsch teria dito que é por isso que ela estava apaixonada pelo preceptor de seu filho, e talvez mesmo por deslocamento.

É então que um retorno das regras é festejado por Rosalie como uma vitória. É bastante comum que na peri-menopausa as regras possam voltar após dois meses de interrupção. Mas neste romance isto toma o valor de um milagre. Para Rosalie, a natureza a recompensa: “*ela apaga o que parecia já ter perpetrado em meu corpo, ela demonstra que era um erro. (...) É a alma que se revela senhora do corpo. (...) Eis-me novamente mulher, um ser completo, uma mulher que reencontrou suas aptidões, foi-me permitido sentir-me digna da juventude viril que me enfeitiçou, e diante dela não tive mais que abaixar os olhos com um sentimento de impotência!*”.

Marie Christine Laznik 17/5/07 14:41

Suprimé: !

Marie Christine Laznik 17/5/07 14:41

Suprimé: da esponja

Marie Christine Laznik 17/5/07 14:42

Suprimé: (?)

Esta passagem merece que nos detenhamos, pois é completamente atual. A possibilidade de dar novamente sangramentos às mulheres que não os têm mais faz parte do protocolo do THS que um ginecologista propõe a uma mulher. Observamos na consulta ginecológica que, de comum acordo, este sangramento é chamado de “menstruação”, tanto pelo médico quanto por sua paciente. Contudo, é apenas um sangramento de privação hormonal. Mas ele permite que algumas pacientes se sintam novamente mulheres, tendo por isso direito à sedução e às relações amorosas. Vimos que no caso de Mathilde o retorno de sua “menstruação” permitiu-lhe ter amantes, enquanto que algumas de suas amigas – que não podiam ter THS e portanto não menstruavam mais – não se permitiam mais isto e a invejavam. O papel deste elemento de autorização parece mais flagrante quando se trata, para uma mulher de cinquenta anos, de fazer novas conquistas. Para Mathilde também, trata-se de um prodígio, e sua ginecologista é uma fada.

Sob a pluma de Mann, lemos também a nítida necessidade de recusar a menopausa: era um erro, foi corrigido. Isto nos lembra o título de um dos *best sellers* sobre a questão: *A menopausa apagada*. Uma anedota pode aqui vir a esclarecer a intensidade da necessidade desta recusa. Convidamos uma psicanalista, conhecida por seus trabalhos sobre a feminilidade, para participar conosco de um grupo de pesquisa sobre a menopausa; esta mulher de mais de sessenta anos nos respondeu: “*Mas com o THS, isso não existe mais agora, a menopausa; aliás, eu continuo menstruando!*”.

Ao recuperar suas regras, Rosalie disse ter se tornado novamente um ser completo e não mais ter sentimento de impotência.

Na quarta capa do livro de Mann, Michel Hamburger, do *Magazine Littéraire*, esclarece que “*em seu rejuvenescimento afetivo e mesmo físico, é preciso sem nenhuma dúvida ver uma alegoria*”. Para Hamburger, Mann transgride as leis da arte narrativa realista. Tal não é minha opinião. Os endocrinologistas descrevem perfeitamente este tipo de ação da psique sobre o soma. É assim que se explicam as menopausas precoces devidas a um choque emocional. Do mesmo modo, e principalmente na perimenopausa, eles reconhecem que as secreções hormonais podem variar em função de acontecimentos afetivos. Mas, naturalmente, tudo isso é apenas temporário e a menopausa continua inelutável.

Além do debate psicossomático que este acontecimento suscita, o que está em jogo é a idéia, sempre atual para algumas mulheres, de que o retorno da menstruação autoriza a vida amorosa. Rosalie diz que a natureza tomou a defesa de seu sentimento “*e me significou sem equívoco que não se deve enrubescer diante dela e diante da juventude em flor a quem ele se dirige*”.

Já que Rosalie continua menstruando, este amor não lhe é proibido. Por ocasião de um passeio, Rosalie vai finalmente declarar seu amor ao jovem, que há algum tempo já esperava positivamente por isso. Ele a fez prometer encontrá-lo no dia seguinte lá onde ele morava. Mas, naquela noite mesmo, Rosalie teve uma hemorragia terrível; o médico pensa em um mioma, mas o exame cirúrgico indicará que se trata de um câncer em fase terminal. Ele provinha do ovário, mas as células mães cancerosas já tinham invadido tudo. O cirurgião ginecologista faz então sua hipótese diagnóstica. Segundo ele, “*o ponto de partida foi o ovário, nas células que após o início da menopausa, por Deus sabe qual fenômeno de irritação, sofreram uma proliferação maligna. Então o organismo foi sobrecarregado, inundado, invadido por hormônios estrogênicos, o que levou à hiperplasia hormonal da membrana da mucosa uterina, com hemorragias inevitáveis*”. Rosalie morrerá no período pós-operatório.

Mann escreveu este romance em 1953; ele tinha 78 anos e morreu dois anos depois. Ele mostrava ali seus conhecimentos da endocrinologia da época; desde 1939, o

Marie Christine Laznik 17/5/07 14:44
Supprimé: regras

Marie Christine Laznik 17/5/07 14:44
Supprimé: s

Marie Christine Laznik 17/5/07 14:44
Supprimé: regras

Marie Christine Laznik 17/5/07 14:46
Supprimé: não tinham mais,

Marie Christine Laznik 17/5/07 14:45
Supprimé: ,

Marie Christine Laznik 17/5/07 14:44
Supprimé: suas regras

Marie Christine Laznik 17/5/07 14:45
Supprimé:

Marie Christine Laznik 17/5/07 14:47
Supprimé: tendo minhas regras

Marie Christine Laznik 17/5/07 14:47
Supprimé: um

Marie Christine Laznik 17/5/07 14:48
Supprimé: nossa

Marie Christine Laznik 17/5/07 14:48
Supprimé: das regras

Marie Christine Laznik 17/5/07 14:49
Supprimé: tendo suas regras

poder carcinogênico de todos os estrogênios tinha sido assinalado no animal. Em 1947, Gusberg, ginecologista e pesquisador em cancerologia fez a ligação entre a hiperplasia endometrial e a possibilidade de câncer do endométrio; foi uma das razões invocadas contra a administração de estrogênio nas mulheres na menopausa. Foi por isso que o tratamento hormonal teve uma diminuição ou permaneceu estável até 1966 (5). Na realidade, Gusberg estimava que o baixo preço e a facilidade de administração dos estrogênios orais tinha tornado seu uso imoral, “promíscuo”.

Mann retomou neste romance não apenas as noções médicas de seu tempo, mas também os preconceitos. Se Gusberg achava que o uso dos estrogênios era imoral, é porque lhe supunham o poder de suscitar, em uma quantidade de mulheres como Rosalie, paixões às quais elas cederiam e – fator ainda mais confuso (*promíscuo*) – correriam o risco de ter ligações com homens bem mais jovens do que elas. Que os homens tenham, desde sempre, feito a mesma coisa nunca pareceu causar problema.

Freud se comprazia em observar que os poetas sabem mais que os psicanalistas sobre a alma humana e este pequeno livro é seguramente uma das melhores descrições que temos das experiências amorosas de uma mulher na menopausa; com exceção da queda final da história que, sob a cobertura da atração do romancista pelo mórbido, conduz todo o assunto às boas regras das conveniências.

Sobre a autora: Marie-Christine Laznik é psicanalista, analista membro da Association Lacanienne Internationale, psicanalista do Centre Alfred Binet, autora dos livros “*O que a clínica do autismo pode ensinar aos psicanalistas*” (Ágalma, 1994); “*Rumo à palavra: três crianças autistas em psicanálise*” (Escuta, 1997); “O complexo de Jocasta” (Cia de Freud, 2003); “*A voz da sereia*” (Ágalma, 2004)

Tradução: Leda Mariza Fischer Bernardino.

NOTAS

- (1) Artigo publicado originalmente em francês, sob o título “*Les menstrues relues a partir de leur perte*”. In: *Champ psychosomatique*, « Le sang des femmes ». Paris: Ed. L'Esprit du temps, 2005, no. 40.
- (2) Renik se interessou um tempo pela menopausa, através de seus trabalhos sobre as regras. Ver Renik (1984, 1992).
- (3) A quem agradeço mais uma vez.
- (4) Conto de Perrault, no qual o príncipe Riquet, inteligente mas feio, casa-se com uma princesa bela mas burra, trocando com ela, graças às fadas, o espírito contra a beleza.
- (5) Os estrogênios foram usados sozinhos até 1975, na maioria das vezes; a partir de então foram associados aos progestativos, a fim de combater seu poder cancerígeno. Ver: Belle (1987).

Referências

- BEAUVOIR, Simone de. (1963) *La force des choses II*. Paris: Gallimard, Folio, 1972.
_____. (1949) *Le deuxième sexe*, t.III. Paris, Gallimard, »Folio essais, 1976.
- BELLE, S.E. (1987.) *Changing Ideas: the medicalization of menopause*. Citado por Daniel Delanoë em sua tese de mestrado em antropologia social e etnologia sobre as representações sabias e profanas da menopausa, na Ecole de Hautes Etudes en Sciences Sociales, Paris, 1992.

Marie Christine Laznik 17/5/07 14:54

Supprimé: e

Marie Christine Laznik 17/5/07 14:57

Supprimé: ..?

Marie Christine Laznik 17/5/07 14:57

Supprimé: 06?

Marie Christine Laznik 17/5/07 15:15

Mis en forme: Français

Marie Christine Laznik 17/5/07 15:15

Supprimé: editora,

Marie Christine Laznik 17/5/07 15:15

Mis en forme: Français

Marie Christine Laznik 17/5/07 15:15

Supprimé: 1963.

Marie Christine Laznik 17/5/07 15:04

Mis en forme: Police :Non Italiqeu,

Marie Christine Laznik 17/5/07 15:04

Mis en forme: Français

Marie Christine Laznik 17/5/07 15:03

Supprimé: xe

Marie Christine Laznik 17/5/07 15:04

Supprimé: Local

Marie Christine Laznik 17/5/07 15:05

Supprimé: : editora, data

Marie Christine Laznik 17/5/07 15:15

Mis en forme: Français

Marie Christine Laznik 17/5/07 15:17

Supprimé: s

Marie Christine Laznik 17/5/07 15:17

Supprimé: e

Marie Christine Laznik 17/5/07 15:34

Supprimé: Local, editora,

Marie Christine Laznik 17/5/07 15:35

Mis en forme: Portugais (Brésil)

Marie Christine Laznik 17/5/07 15:35

Mis en forme: Portugais (Brésil)

Marie Christine Laznik 17/5/07 15:33

Supprimé: 1987.

BELOT-FOURCADE, P. *La ménopause: regards croisés entre gynécologues et psychanalystes*. Paris: Erès 2004, pp 107-115.

COLETTE, ... *Chéri*. Paris, Fayard, 1920.

DEUTSCH, H. *La psychologie des femmes: étude psychanalytique*. Paris: PUF, 1967, vol. II, pp 391-418.

EPELBOIN, S. "Le sang des femmes". In: Mimoun, S. (org.) *Traité de gynécologie-obstétrique psychosomatique*. Paris: Flammarion, 1999, p. 71-84.

FREUD, S. "XXXIIIe leçon: La Féminité" (1932). In: *Nouvelle suite des leçons d'introduction à la psychanalyse*, O. C., vol. XIX. Paris, PUF, 1995.

_____. *Lettre à Romain Rolland: un trouble du souvenir sur l'Acropole* (1936), O.C., vol. XIX. Paris, PUF, 1995.

GARDANNE, ?. **Local: editora, data.**

GRODDECK, G. *Le livre du ça*. Paris: Gallimard, 1973.

LACAN, J. (1972). *Le séminaire: livre 20 Encore*. Paris: Editions du Seuil, 1975.

LACHOWSKY, M. "Qui a peur de la ménopause?". In: Berger-Levrault. *Femmes, médecins et ménopauses*. Paris: Age Santé Société, 1999, pp 79-85.

_____. "Ne pas vouloir, ne pas pouvoir: a propos du désir de grossesse à la ménopause". In: *Reproduction humaine et hormones*. **Nome do periódico?**, vol. 5, no. 6, pp 479-482.

MANN, T. (1953) *Le mirage*, tradução do alemão por Louise Servicen. Paris: Albin Michel, 10/18, 1997.

MELMAN, C. (1986) "Amulher nao existe: leitura das formulas de sexuação". In *Che Vuoi? N°0*, Porto Alegre, 1986.

MICHEL, Cros. *L'anthropologie du sang em Afrique*. Paris: Harmattan, 1990.

MIMOUN, S. "Réalité des représentations sociales de la ménopause: le vécu quotidien du gynécologue". In: ELSEVIER. *Stéroïdes, Ménopause et approche socioculturelle*. Paris: Inst. Theramex, 1998.

PINES, D. "The menopause". In: *A woman's unconscious use of her body: a psychoanalytical perspective*. London: Virago Press, 1993, pp 151-166.

RENIK, O. "An example of disavowal involving the menstrual cycle". In: *Psychoanalytic Quarterly*, LIII, 1984.

_____. "A case of premenstrual distress: bisexual determinants of a woman's fantasy of damage to her genital". In: *Jornal of American Psychoanalytic Association*, vol. 40, no. 1, 1992.

Marie Christine Laznik 17/5/07 15:36

Supprimé: editora,

Marie Christine Laznik 17/5/07 15:37

Supprimé: Local: editora, data

Marie Christine Laznik 17/5/07 15:38

Mis en forme: Français

Marie Christine Laznik 17/5/07 15:39

Mis en forme: Français

Marie Christine Laznik 17/5/07 15:38

Supprimé: Local: editora,

Marie Christine Laznik 17/5/07 15:37

Supprimé: 1932.

Marie Christine Laznik 17/5/07 15:41

Mis en forme: Police :Non Italique

Marie Christine Laznik 17/5/07 15:39

Mis en forme: Français

Marie Christine Laznik 17/5/07 15:39

Supprimé: Local: editora, data

Marie Christine Laznik 17/5/07 15:39

Mis en forme: Français

Marie Christine Laznik 17/5/07 15:42

Supprimé: editora, dat

Marie Christine Laznik 17/5/07 15:42

Supprimé: a

Marie Christine Laznik 17/5/07 13:14

Supprimé: FALTA O RESTANTE DA CITAÇÃO

Marie Christine Laznik 17/5/07 13:18

Mis en forme: Police :Italique

Marie Christine Laznik 17/5/07 13:18

Mis en forme: Police :Italique

Marie Christine Laznik 17/5/07 15:43

Supprimé: e

